

NARRATIVAS DA TIVI GRIÔ: EDUCOMUNICAÇÃO QUE REVERBERA ORALIDADES E VIVÊNCIAS COMUNITÁRIAS

DANIEL LAMIR DE FREITAS FERREIRA

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades, da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). lamir.dan@gmail.com

MAURÍCIO ANTUNES TAVARES

Prof. Doutor do Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades, da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

RESUMO

A TiVi Grô é uma experiência educomunicativa protagonizadas por jovens da Chapada Diamantina, na Bahia, e baseada na Pedagogia Griô. As produções audiovisuais em questão se sustentam em oralidades presentes no território. Para tanto, as narrativas da TiVi Griô são feitas em processos coletivos e pedagógicos, exercitando uma mediação que envolve as identidades, ancestralidades, direito à vida e Bem Viver. A experiência está constituída como cinceclubes itinerante e WebTV. A maior parte das produções surgem como uma sistematização de vivências pedagógicas e são utilizadas como mediação de novos processos pedagógicos.

Palavras-chave: educomunicação; oralidade; ancestralidade; narrativas.

1. INTRODUÇÃO

A TiVi Griô é uma experiência de educomunicação tocada por jovens que fazem parte das atividades da associação comunitária Grãos de Luz e Griô¹, em Lençóis, na Chapada Diamantina, na Bahia. Desde 2016, a iniciativa produz filmes baseados em ancestralidades, que bebem das vivências comunitárias e da tradição oral do território. Essa produção audiovisual é desenvolvida a partir de processos pedagógicos para uma produção partilhada do conhecimento (Bairon, 2014) em espaços presenciais ou no ciberespaço das redes sociais da internet.

A TiVi Griô nasceu das práticas da Pedagogia Griô, que buscam rituais de vínculo e aprendizagem para uma ação metodológica baseada em aspectos como identidade, ancestralidade e vivência comunitária. A maior parte das produções surgem como uma sistematização de vivências pedagógicas e são utilizadas como mediação de novos processos pedagógicos, formando uma imagem de “caminho espiral” entre os saberes (Pacheco, 2006).

As produções são exibidas em formatos como cineclubes na sede do Grãos de Luz e Griô, nas praças públicas, em escolas, ou outros locais da Chapada Diamantina, além de WebTV². A ideia inicial era uma TV comunitária convencional em Lençóis, mas por conta das burocracias e fragilidade de políticas públicas para democratizar o setor, o direcionamento maior seguiu pelas as redes na internet e espaços públicos itinerantes.

Antes do início da pandemia de covid-19 no Brasil³, havia uma frequência de oficinas audiovisuais envolvendo uma média de 20 pessoas. A sede da TiVi Griô funciona no Grãos de Luz e Griô com estúdio de gravação, ilha de edição e equipamentos para captação audiovisual. Ao lado da

1 Site do Grãos de Luz e Griô: < <http://graosdeluzegrio.org.br/>>, acessado em 10 de outubro de 2021.

2 A definição de WebTV, segundo NUNES J. G. de A (2016), contempla a veiculação de conteúdos em tempo real, por *streaming*, e *on-demand*, com as produções audiovisuais organizadas numa página e disponibilizados para que o usuário possa acessá-los posteriormente. A definição de WebTV também abarca a experiência de produção de conteúdo próprio.

3 Há um ano, Brasil anunciava primeiro caso de covid-19”, no portal da Agência Brasil, disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2021-02/ha-um-ano-brasil-anunciava-primeiro-caso-de-covid-19-0>>, acessado em 15 de julho de 2021.

TiVi funcionam ainda estúdio musical e sala de teatro, que estão integrados entre si na Pedagogia Griô.

No ciberespaço, as produções da TiVi Griô são desaguadas em um canal do Youtube⁴, uma fanpage do Facebook⁵, e um perfil no Instagram⁶. Vale destacar que alguns conteúdos se repetem entre as plataformas, apesar das especificidades encontradas de estratégias em rede e de conteúdos exclusivos para cada um dos três espaços.

No dia 6 de julho de 2021, a TiVi Griô contabiliza 48 produções disponibilizadas em seu canal no Youtube. As narrativas disponíveis na plataforma mesclam gêneros como educativo, ficção, documentário, videoaula, seminários, musical e jornalismo popular. Alguns dos temas presentes no canal são histórias e lendas das comunidades tradicionais, sistematização de experiências pessoais e coletivas, ações afirmativas sobre negritude, apresentação de ofícios e práticas tradicionais das comunidades locais, narrativas contemporâneas das juventudes locais, história e colonialidade no Brasil, apresentações artísticas, organização social local, manifestações políticas, denúncias e cobranças aos poderes públicos, além de propostas e desenvolvimentos diversos sobre processos pedagógicos.

Já na fanpage, no dia 14 de julho de 2021, eram 190 publicações entre fotos e vídeos, textos, links de vídeos em outras plataformas e *lives* e compartilhamentos. A diversidade de assuntos abrange a apresentação de vídeos, anúncio de exibição e estreias de filmes, cobertura de eventos, depoimentos, homenagens, bastidores das gravações, marcos de dados de indicadores de audiência da página, mobilizações políticas virtuais, anúncio e realização de lives, cobertura de atividades em escolas, entre outros.

No Instagram, a TiVi Griô possuía 53 postagens no *feed*, 1 vídeo no *reels* e 14 vídeos no IGTV no dia 14 de julho de 2021. As postagens abordavam registros de atividades de cineclubes, atividades educativas, anúncios de exibição audiovisual, bastidores das gravações, apresentação da TiVi Griô, anúncio de lives, celebração de marcos históricos e mobilizações

4 O link da visualização do canal do Youtube da TiVi Griô é <https://www.youtube.com/channel/UC_aqiCTMn6P4E35AMhoy2w/videos>, acessado no dia 06 de julho de 2021

5 A fanpage da TiVi no Facebook é: <https://www.facebook.com/tivigrio/about/?ref=page_internal>, acessado em 6 de julho de 2021.

6 O perfil da TiVi Griô no Instagram é: <<https://www.instagram.com/tivigrio/>>, acessado em 6 de julho de 2021.

políticas. Nos vídeos do IGTV um dos destaques é para o Programa Mães e Filhas Chapadenses em Luta pelos Seus Direitos, em que mães e filhas assistiram e dialogaram sobre as produções audiovisuais da TiVi Griô em novembro de 2020.

Há uma relação inseparável do cineclubes lençoense com a Pedagogia Griô. A experiência audiovisual é uma das possibilidades de sistematização de saberes dentro do plano metodológico da Pedagogia Griô. A proposta inicial da Pedagogia Griô é a ritualização de vínculos e aprendizagens, em que são desenvolvidas etapas de: encantamento; identidades e ancestralidades; diálogos; produção partilhada do conhecimento. A TiVi Griô nasceu dos processos de produção partilhada do conhecimento da Pedagogia Griô, ganhando autonomia de produções, mas mantendo a essência de sua criação.

2. O MESTRE AURINO E OS MAIS NOVOS QUE GOSTAM DA TV

O mestre Aurino Pereira vive na comunidade quilombola do Remanso, em Lençóis, na Bahia. Nascido em 1945, ele exerce uma liderança comunitária, além de ser sanfoneiro de oito baixos e contador de histórias. O gosto pela sanfona foi cultivado pela curiosidade com o instrumento. O pai dele, Justino Pereira, o Seu Binô, também era sanfoneiro. Na época, o filho - Aurino criança - aproveitava as saídas do pai para aprender escondido a tocar a sanfona.

O tempo passou e, ainda jovem, chegou o dia de Aurino mostrar o que tinha aprendido, escondido do pai e acobertado pela mãe. Na época, em uma festa da comunidade, o então jovem acabou surpreendendo, ao assumir a sanfona quando o pai precisou se ausentar por um instante. Essa história está registrada na dinâmica e patrimônio da oralidade exercida por Seu Aurino nas comunidades e nas escolas da região. Além disso, a narrativa ganhou outras fontes de registro e reprodução, a exemplo do vídeo “O Griô de oito baixos”⁷.

A importância de se manter um fluxo de heranças culturais entre gerações na comunidade do Remanso permanece sendo praticada e defendida por Seu Aurino. Hoje, ele exerce a função de contador de

7 vídeo “O griô de oito baixos” está disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=gvpAVHsEKml>>. A produção está disponível no canal da Pedagogia Griô no Youtube. Acessado em 11 de julho de 2021.

histórias tanto para as pessoas da comunidade em que vive como para as pessoas de outros lugares que conhecem o Remanso, a partir do turismo comunitário⁸. Assim, ele mantém vivas nos tempos e nos espaços as memórias comunitárias através de uma tradição que prioriza a oralidade diante da escrita, firmando ainda mais os laços entre as pessoas e as palavras. (Hampâté Bâ, 2010).

Um exemplo da consciência sobre o poder do compartilhamento das histórias orais está em depoimento de Seu Aurino no vídeo “Pedagogia Griô, a reinvenção da roda da vida”⁹. Um trecho da produção destaca que tempos atrás a comunidade vivia em contexto de isolamento, sem conhecimento sobre atuação de igreja e governo nas redondezas e nem autoconhecimento sobre sua etnicidade, mantendo seus próprios costumes e organização social.

A memória quilombola do Remanso é preservada pela oralidade enquanto “procedência e realimentação de conhecimentos transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo” (Hampâté Bâ, 2010), mantendo acesa uma ancestralidade viva em que além do compromisso com o registro da palavra falada, há um patrimônio de sensações e linguagens na expressão corporal do contar e recontar essas histórias. (Hampâté Bâ, 2010).

O sanfoneiro traz a memória das atividades coletivas feitas com músicas cantadas em grupo na comunidade. Assim, cada pessoa assumia um instrumento musical nas composições, que abordavam os sentidos de seus fazeres, a exemplo das músicas para o mutirão no roçado de cada família e para a produção coletiva de farinha de mandioca. Por outro lado, o depoimento relata que alguns desses costumes estão se perdendo na contemporaneidade.

Seu Aurino exemplifica que ao compartilhar questões da comunidade é comum algum jovem se dispersar perguntando a outro sobre a produção de “filmes que se passam na TV”. Ao mesmo tempo, a análise do líder comunitário sobre tal questão faz considerações de recortes

8 A dissertação “Educação, turismo e ação Griô: impactos da modernidade na comunidade quilombola do Remanso (Lençóis - BA)” apresenta os impactos do turismo comunitário no desenvolvimento local da comunidade. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04122015-162039/pt-br.php>>, acessado em 11 de junho de 2021.

9 O vídeo “Pedagogia Griô, a reinvenção da roda da vida” está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Nsov4uThpmQ>>. A produção está disponível no canal da Pedagogia Griô no Youtube. Acessado em 11 de julho de 2021.

geracionais sobre a relação da juventude local com as antigas referências culturais.

Os jovens de hoje eu acho que não acreditam muito em nós (...). Naquela época não existia isso. Então nós nos colocávamos naquilo que tinha aqui. Todo mundo corria atrás daquilo que nós temos aqui. Aqui um sabia tocar uma viola; sabia um cavaquinho; outro já sabia tocar uma gaita; outro sabia bater um bomba; outro já sabia bater um pandeiro; um triângulo. Todo mundo sabia alguma coisa. É por isso que tem hora que eu fecho com a cara dos meninos, porque acho que as ideias deles são poucas, mas no momento eu volto pra pensar: 'Eles têm razão'. Eu volto pra dar razão para eles. Eu, por exemplo, aprendi porque eu não tinha como correr atrás do que não existia. Então só corria atrás do que tinha. Hoje não, eles têm o seu conforto. Eles têm suas TVs, seus sons eletrônicos, então: 'vou assistir o disco de fulano'. Agora só que perdoem-me. Eu digo: 'Olhe, meu filho, você sabe que a gente tem que assistir o dos outros e cuidar do da gente também. Ser um pouquinho de cada um. Porque se a gente fluir só no dos outros a gente fica perdido, morre perdido por aí'¹⁰.

A relativização de “morte” e “vida” da comunidade através da preservação de memórias na análise feita por Seu Aurino dialoga com os postulados de Walter Benjamin (2012) sobre a perda do dom da narrativa nas sociedades modernas. Em ambas situações, identificamos as transformações inevitáveis causadas por novas formas de sociabilidade e relação com a produção-reprodução de narrativas, que ameaçam as condições da habilidade de contarmos histórias através da oralidade, ato peculiar entre as comunidades tradicionais.

Para Benjamin, o dom da narrativa e da memória está associado à experiência, a exemplo das músicas que eram cantadas de forma coletiva durante as atividades nos mutirões dos roçados e na casa de farinha da comunidade do Remanso. Por outro lado, o acesso a outros artefatos culturais e as transformações da modernidade reconfiguram as relações anteriores da experiência (Benjamin, 2012), a exemplo de uma época em que Seu Aurino “só corria atrás daquilo que tinha na própria comunidade”.

Ao mesmo tempo, o líder comunitário também pondera os recortes geracionais em sua reflexão, ressaltando que, se não é favorável uma

10 O depoimento foi dado entre 32'52" e 34'32" no vídeo "Pedagogia Griô, a reinvenção da roda da vida". Acessado em 11 de julho de 2021.

ideia de “manutenção intacta” dos antigos costumes da comunidade. Ele defende pelo menos a conservação de uma essência de memória, que pode perpassar as novas configurações de produção-reprodução de narrativas, e que seria importante para manter viva a comunidade. As palavras sugerem uma movimentação de fechar e abrir, de fluir “no dos outros” e de fluir “em si”. De uma negociação dos fluxos culturais, nutridos pelo poder de contar e recontar essas histórias.

Seu Aurino também incorpora os aspectos apontados por Benjamin para um contador de histórias da oralidade que está essencialmente ligado ao lugar de vida e compreende a importância de se intercambiar essas vivências e experiências através das narrativas. Já a relação com a juventude local é tensionada entre o “fechamento” - ao “fechar com a cara” como um ato de repreensão para valorizar o que é de dentro - e de “abertura” - como renovação que vem da relação com o externo, com outros saberes. Esse processo seria tecido no mergulho das muitas histórias para serem retiradas e recontadas em seus novos contextos.

Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as facultades: Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com a violência e a morte. (BENJAMIN, 2012, p. 227)

A preocupação de Seu Aurino diante da juventude que “deve assistir o dos outros, ao mesmo tempo de cuidar do que é próprio” sugere um sentido de rememoração das ancestralidades da comunidade do Remanso entre as gerações. Um passado que deve permanecer à espreita não como uma ideia de imposição do arcaico, mas como uma essência de vida comunitária sustentada pelo poder de “vida” ou “morte” associado às narrativas.

Talvez como uma ponderação da impossibilidade de se alterar um processo civilizatório em curso, mas como uma esperança de resistir pela vida da comunidade em meio a uma sociedade em que a massificação e uniformização das mentalidades pode significar a morte das narrativas locais, de perda das identidades e dos sentidos comunitários.

A dedicação de Seu Aurino seria, portanto, de ajudar a tecer uma teia de histórias que deve continuar sendo fortalecida entre as gerações. A “distração dos jovens ao se perguntar sobre os filmes que se passam na TV” não se configuraria necessariamente como uma ruptura brusca com as antigas histórias da comunidade. Mas, ao mesmo tempo, “seria preciso se cuidar também do que é próprio do Remanso”, por uma questão de sobrevivência.

A rememoração funda a cadeia da tradição, que transmite o acontecimento de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades específicas da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se liga à outra, como demonstraram todos os grandes narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Scherazade, à qual ocorre uma nova história em cada passagem da história que está contando. (BENJAMIN, 2012, p. 228)

Neste caso, a comunidade do Remanso pode ser exemplo sobre o desafio de muitas outras comunidades tradicionais manterem uma rememoração de suas ancestralidades no contexto contemporâneo. O próprio fato de “perguntar pelos de filmes da TV” (ou dos celulares e outras tecnologias) parece iniciar uma discussão ampla e necessária sobre as novas configurações do ato de contar e recontar histórias nos territórios.

Os limites entre o consumir-reproduzir e o fazer-compartilhar estão cada vez mais borrados (Jenkins, 2008) nas teias de possibilidades que as tecnologias representam nos últimos anos. Os novos paradigmas que acompanham as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) valem também para a diversidade de contextos rurais do Brasil, que apesar das dificuldades estruturais e de políticas adequadas para o setor, busca estar conectada e exercer seus direitos à informação e comunicação.

Um exemplo sobre as lutas e apropriações das TICs de parte das juventudes rurais é o projeto Pedagógico (Batista, 2020), desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em conjunto com uma diversidade de movimentos populares. A iniciativa foi realizada entre 2017 e 2019, com cerca de 150 jovens do Semiárido brasileiro que desenvolveram formas de apropriação das redes sociais com o objetivo de trocar conhecimentos agroecológicos.

O Pedagroeco surgiu “para dar continuidade ao que já vinha acontecendo (...) com o propósito maior de valorizar os processos de sistematização de experiências agroecológicas e ampliar as estratégias de comunicação pelos próprios jovens” (Batista, 2020, p.24). Ou seja, a partir da elaboração do planejamento, foi constatado que a juventude rural dos estados de Alagoas e Sergipe buscava formas de superar as estruturas precárias de acesso às TICs para permanecer exercendo seus direitos a uma comunicação comunitária e participação popular.

Assim, identificamos um exemplo de conscientização comunitária que valoriza as tradições orais, que também estão em jogo quando se pensa no cenário de memórias e narrativas de comunidades tradicionais ou agroecológicas.

Para Benjamin (2012), as perdas no poder da oralidade estão ligadas a uma modernidade que troca as essências da experiência pelo excesso de informação, carregando junto suas tendências à efemeridade, ao isolamento e à falta de ligação com tradições fincadas em tempo e espaço.

As sugestões nos contextos do Pedagroeco e das propostas de Seu Aurino seriam de um equilíbrio entre as vivências e experiências comunitárias e uma mediação pelas TICs que favoreçam uma afirmação das narrativas como sentidos de identidades, sejam quilombolas ou agroecológicas.

A leitura da obra de Benjamin relacionada ao assunto, escrita na década de 1930, não faz um apontamento exato sobre o que seriam algumas “mudanças necessárias” na sociedade, mas há uma constatação que permanece provocando análises em uma sociedade cada vez mais “inundada de informações”. Ou seja, como definiu Martin-Barbero (2008), “Benjamin não investiga a partir de um lugar fixo, pois toma a realidade como algo descontínuo”.

Assim, a proposta não seria comparar as realidades de uma Alemanha do entre guerras com o interior baiano na contemporaneidade, mas tomar para si uma análise da potência carregada pelas palavras faladas em comunidades tradicionais e suas possíveis conversações com uma juventude que, nos reflexos da modernidade, “se pergunta pelos filmes na TV” e também na internet em um processo de abertura, mas, ao mesmo tempo, “com o eco das palavras dos mais velhos”, em um processo de fechamento para demarcar suas identidades comunitárias.

É nesse contexto de preservação ou reverberação de narrativas e diálogos geracionais da comunidade do Remanso e de toda a região da Chapada Diamantina que se constitui a TiVi Griô. A experiência audiovisual

em si parece não propor uma substituição da tradição da oralidade diante de toda sua riqueza de memórias e forte ligação entre a pessoa e a palavra, como afirma Hampâté Bâ (2010). A própria condição da experiência apontada por Benjamin (2012) para o contador de história não caberia em sua plenitude a uma “transferência direta” para a linguagem audiovisual.

Mas, ao mesmo tempo, podemos imaginar a possibilidade de conversação entre a linguagem audiovisual e as cosmologias que permeiam as tradições da oralidade dentro dos postulados propostos da produção partilhada do conhecimento (Bairon, 2014).

O resultado é que a produção de conhecimento passa a ser produto de um conjunto reticular de conversações e convivências, equiparando conceitos e estéticas acadêmicas à oralidade e corporeidade do estar no mundo do senso comum cultural. Trata-se da soma de dois modos de vida já arcaicos: de um lado, o acadêmico que não olha mais para as comunidades como “fontes documentais”, mas como parceiros; do outro lado, o saber centenário do conhecimento, corporificado no senso comum, que é apresentado por meio da vitalidade de suas dimensões epistemológicas já acostumada a domesticar as técnicas (BAIRON, 2014, p. 69).

Ou seja, se por um lado, uma câmera pode “quebrar o clima” da espontaneidade cultural ou de uma reverência sagrada nas narrativas, por outro, é capaz de juntar gerações na tela, entre mitos, símbolos, movimentos e musicalidades das comunidades tradicionais. Talvez um meio de buscar o equilíbrio de “aberturas e fechamentos” nos aspectos culturais ou de “morte e vida” embutida no poder das narrativas apontadas por Seu Aurino.

Nesse aspecto, aproximando a ideia de “usina de sentidos” da produção partilhada de conhecimentos (Bairon, 2014), podemos imaginar as propostas da TiVi Griô como uma espécie de “bomba propulsora” de narrativas ancestrais e tradição da oralidade. Assim, temos uma juventude que produz o audiovisual dentro das possibilidades de criação de uma variedade de tempos cronológicos, em que o contar e recontar histórias pode assumir um papel pedagógico.

Dentro de seus limites e potencialidades, a TiVi Griô parece responder partes das aspirações de Seu Aurino pela vida da comunidade, ao “cuidar do que é próprio de suas localidades”, ao mesmo que busca suas referências para “não se perder” nas dinâmicas de um mundo hiperconectado.

Assim, essa “bomba propulsora” pode também dar continuidade à rememoração das narrativas mantidas entre gerações.

3. DELVAN E OS MAIS VELHOS NA PRODUÇÃO DOS ENREDOS NA TV

A história do Nego D’água é uma das que permanecem sendo recontadas a partir de uma memória ancestral da comunidade do Remanso. Uma das formas de se trazer essa narrativa está no vídeo Nego D’água, disponível no canal do Youtube da TiVi Griô. A produção carrega mitologia, tradição e reinvenção simbolizadas através da capoeira como “um jogo da vida”.

O filme Nego D’água é protagonizado pelo jovem Delvan Quilombola, da comunidade do Remanso, relatando as tensões entre o resgate de uma memória ancestral e a fluidez das afirmações de identidades culturais contemporâneas (Hall, 2006). A peça se apresenta em monólogo, narrando as etapas da vida em que o “Quilombola” de Delvan nem sempre foi autorreconhecido. A leitura de mundo e de estar no mundo dialoga com duas referências pulsantes na vida do protagonista, o avô que está encantado e a figura mitológica do Nego D’água.

São pouco mais de sete minutos da narrativa em que Delvan segue em trilha pela mata da Chapada Diamantina, como que guiando um grupo de jovens visitantes. No percurso, imagens e palavras evocam lembranças, valores e experiências de “um mais velho” da comunidade do Remanso que propõe o jogo entre as referências ancestrais e comunitárias e suas relações com novos contextos de vida contemporânea.

Como a própria rememoração defendida por Seu Aurino no vídeo “Pedagogia Griô, a reinvenção da roda da vida”, o enredo do vídeo apresenta um jovem que adentra algumas das possíveis “trilhas da vida” ao se ver diante de recortes geracionais diante do seu avô, que é referência atual na relação com a natureza.

Além disso, as narrativas contadas pelo ancestral de Delvan adentram o enredo audiovisual como valorização e referência da oralidade que atravessa gerações, a exemplo do trecho em que o neto traz a memória do dom de um ente familiar que “contava uma história com um jeito de falar e de entender com as coisas invisíveis do povo do Remanso”. Ou seja, o filme destaca o dom do narrador que conta a partir de suas experiências e incorpora as coisas narradas à experiência de quem ouve essas histórias (Benjamin, 2012).

O relato de Delvan se apresenta em três fases, com a primeira sobre a memória da infância, as histórias contadas pelo avô e as brincadeiras na mata; a segunda etapa com uma conversão ao cristianismo e negação das afirmações quilombolas do ambiente em que nasceu, representada cronologicamente pela idade dos 13 anos; na terceira etapa são apresentados conflitos entre novas experiências de vida, com negação ao cristianismo, por exemplo, e “renascimento” dos mitos contados pelo seu avô.

A conclusão de Nego D’água se apresenta como o processo de uma dinâmica de sentidos e significados sociais, espirituais e políticos, que parecem entrar em erupção na “re-existência” da própria afirmação de identidade e reafirmação do “Quilombola” junto a Delvan. Como uma trajetória de vida referenciada nas narrativas ancestrais.

O ritmo do berimbau e da percussão no vídeo acompanha o ritmo de sensações do relato, que envolvem as afirmações e as rejeições de Delvan Quilombola. É justamente no momento em que Delvan reencontra o avô “na roda da vida” que o vídeo apresenta a expressão da capoeira simbolizada como uma disputa pela afirmação da memória e das narrativas da comunidade quilombola do Remanso.

As histórias de Nego D’água, do Saci-pererê e Iara começaram a renascer na minha memória. Eu deixei toda essa invenção de igreja, os preconceitos de lado e reencontrei com meu avô na roda da vida, nos cantos, danças e histórias de grãos, nossos mestres e griôs, o meu povo, a Mãe África. E deixei claro e me aceitei como quilombola¹¹

Por outro lado, abordando as consequências de uma modernidade em que instituições como escola, família e Estado não atendem mais uma resposta direta na relação com as pessoas, Monica Fantin (2019) problematiza o processo de transmissão simbólica de uma geração para outra.

Baseada no “Complexo de Telêmaco”, Fantin (2019) destaca uma falência na ideia de “herança natural” de uma filiação simbólica no cenário contemporâneo em que as gerações anteriores estão deixando vários problemas para as novas gerações. A ligação possível entre os “mais novos” e os “mais velhos” estaria baseada na esperança com o futuro e na

11 Trecho do relato de Delvan Quilombola, a partir de 5:16, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X7ktZSzkY9M>>, acessado em 11 de julho de 2021.

afirmação “de quem somos”, ultrapassando as incertezas em relação ao meio ambiente, economia, dívida, trabalho e perspectiva de vida.

Diante da (im)possibilidade de transmissão dessa herança simbólica, que não é feita de gens nem de bens, mas de desejo e esperança num futuro, Recalcati destaca que a herança não é um “direito natural”, mas um “movimento singular”, privado de garantias que pode nos reconduzir àquilo que somos. A esse respeito, o autor lembra que, para Lacan, a transmissão do desejo é como um fertilizante irrenunciável da vida humana (FANTIN, 2019, p. 372).

A questão geracional na narrativa de Nego D’água também pode ser vista nas relações do ethos camponês (que se estendem a outras comunidades tradicionais) que se esforça para assegurar-se do futuro, mas por caminhos opostos ao ethos capitalista. A racionalidade técnico-científica ocidental estimula um espírito de cálculo em que os diplomas e o status das pessoas com quem se relaciona são como “capital” que dão retorno ao investimento. As tradições culturais ancestrais têm outros valores que pesam em suas considerações sobre o futuro, mesmo valorizando a escolarização (Bourdieu, 1979).

Assim, a representação cênica do Nego D’água no vídeo, ligando as vidas do neto e do avô, parece refletir a transmissão de um desejo entre gerações, que não segue uma linearidade ou previsibilidade na re-existência de Delvan enquanto afirmação de quilombola, principalmente partindo de uma ótica da “racionalidade capitalista” (Bourdieu, 1979). A busca pelos ideais de vida

A herança de saberes deixada pelo avô se concretiza quando o protagonista identifica os desafios para preservação ambiental da comunidade em que vive. Essa mesma herança é citada diretamente nas primeiras palavras do monólogo: “Meu avô tinha muito respeito pelos elementos da natureza. Ele não podia ver gente que invade, suja e destrói. Ele sabia que essa era a maior riqueza que ele podia cuidar para deixar para os seus netos e bisnetos”.

Essas heranças geracionais podem ser analisadas pela ótica de Bourdieu (2008), a partir de dois aspectos que fazem parte de tal experiência. Primeiramente, podemos observar Delvan se distinguindo do seu avô, como uma superação ou negação daquele que encarnou a sua linhagem, dentro de conflitos vistos como transgressão. Em segundo lugar, o sociólogo francês ressalta a influência das instituições sociais externas à

família, a exemplo da escola, além de outras instituições estatais como justiça e saúde.

Adiante, entre o tom questionador de Delvan sobre as pessoas “que não conseguem escutar a natureza”, a narrativa audiovisual faz uma contraposição com a imagens de outros jovens que sujam o meio ambiente enquanto ouvem som eletrônico e consomem bebidas alcólicas e alimentos processando. Como que o neto puxasse a referência geracional para constituir o seu desejo de manter a biodiversidade local em equilíbrio.

Na peça audiovisual, o personagem mítico do Nego D’água parece fiar os sentidos e significados que ligam as gerações de Delvan e do avô dele. É possível acompanhar a figura do Nego D’água em cada uma das três etapas de vida narradas, formando um jogo simbólico de expressões e aparições cênicas.

A produção específica da TiVi Griô parece materializar as próprias aspirações feitas por Seu Aurino, quando destaca que a juventude da comunidade do Remanso “ficava dispersa perguntando pelos filmes que se passam na TV” precisa também valorizar suas próprias histórias. A experiência da TiVi Griô pode adentrar o próprio jogo de “vida ou morte” sustentado pelas narrativas ancestrais das comunidades.

4. TECENDO ANCESTRALIDADES NO ESPAÇO EDUCOMUNICATIVO

Para além da disponibilização nas plataformas de redes sociais, a WebTV e Cineclube TiVi Griô é uma experiência de Educomunicação protagonizada por jovens que moram na região da Chapada Diamantina, na Bahia. A partir da Pedagogia Griô, a produção de conteúdo da TiVi Griô bebe de processos de alteridade e intersubjetividade nas comunidades da região da Chapada Diamantina, afastando uma perspectiva restrita a apenas “difusão de informações”.

A partir de Soares (2011), podemos definir a inter-relação entre comunicação e educação da experiência da TiVi Griô como um processo relacional de intersubjetividades, ao invés de uma questão meramente instrumental com as tecnologias comunicacionais. Por exemplo, apesar da incapacidade de substituir em si o papel da dinâmica da oralidade nas comunidades tradicionais, as produções audiovisuais podem constituir o conceito de ecossistema comunicacional (Martín-Barbero, 2014), em que essas mesmas oralidades estão dispostas em um ambiente organizado e

com a disponibilidade de diversos recursos de linguagens e narrativas nas relações entre as pessoas.

A própria nomenclatura “TiVi”, que surgiu de uma brincadeira entre a palavra de origem inglesa “TV” e o sotaque baiano, pode simbolizar o aspecto relacional entre diferentes dimensões dentro de um mesmo ecossistema comunicacional. O batismo da palavra inglesa, reconfigurada entre uma experiência que bebe em questões como ancestralidade e vivência comunitária ao mesmo tempo de uma presença nas configurações globais, complexas e instantâneas da internet.

Juntando a inter-relação de educação e comunicação, a produção da TiVi Griô está sendo tocada mais diretamente por Ciro Pacheco, Micha Nascimento, Rique Boa Sorte e Uilami Dijean, que moram na Chapada Diamantina. Periodicamente, outras pessoas se juntam aos processos educomunicativos para compromissos de curto, médio ou longo prazo. As quatro pessoas citadas figuram como as que estão relativamente a longo prazo nas atividades, pelo menos no biênio 2020-21.

Alguns outros exemplos de narrativas específicas compartilhadas na diversidade de gêneros e formatos da experiência são: questionamento sobre a ausência de temáticas do continente africano no currículo escolar (África: um novo olhar); denúncia sobre as condições de saneamento e distribuição de água na região (Cadê a Água da Muritiba?); releitura sobre a lenda do Pai Inácio (Pai Inácio ou Kokumo?); apresentação sobre a tradição cultural e religiosa da Festa de Reis (Reis da Cura); sabedoria na manipulação das folhas (O Poder das Folhas); histórias das comunidades contadas pelos mais velhos (Breve História de Jiquy Novo Acre); acesso ao ensino superior (Rumo à Universidade - Matrícula, bolsas e auxílios); entre outros.

Apesar da impossibilidade de utilização do meio televisivo convencional - como foi idealizado inicialmente no projeto -, a experiência apresenta nitidez sobre uma preocupação maior com as mediações que com os artefatos tecnológicos. Ou seja, o olhar sobre como as pessoas vão perceber e interagir com esse processo, ao invés de uma prioridade maior na busca de possibilidades de apropriação de dispositivos e meios tecnológicos de difusão de conteúdos audiovisuais.

A TiVi Griô tem o objetivo de ser itinerante e caminhante como os griôs, de abrir portas e colocar todos na roda da sabedoria, de promover encontros e tecer redes comunitárias e democráticas de participação, onde cada um se

expressa a partir de sua identidade e ancestralidade local se vinculando à cultura da diversidade¹².

Abre-se, portanto, uma relação de constituição com a tradição oral, a vivência local e os saberes e experiências tradicionais da região, sobretudo de comunidades quilombolas. Ou seja, vai além de uma perspectiva de “adereço” ou de subalternidade da expressão da voz e do corpo. Assim, além de relatos diretos nas produções, há uma valorização às expressões populares, como o cantar, recitar, dançar e louvar.

Algumas produções trazem a proposta de uma oralidade com a sua potencialidade de ritmo, cadência e entonação típicos da sua materialidade e expressividade da voz. Ou seja, um tipo de produção de conhecimento que, segundo Martín-Barbero (2021), deveria ser utilizado nas escolas como meio educativo sobre a transculturalidade de povos tradicionais.

Assim, Martín-Barbero (2021) propõe uma escola que não reconheça apenas os livros e seja dependente de toda linguagem e narrativa escrita na produção do conhecimento. No vídeo “Um dia de Lavadeira”, por exemplo, ao se apresentar a rotina de mulheres ao longo de gerações, há também uma contextualização sobre os cantos que são entoados durante as jornadas de atividades no rio Mucugezinho. Com as palavras faladas, o destaque na tradição oral sugere inicialmente questões como coletividade no trabalho das lavadeiras e consciência no uso de artefatos do ofício. Supor a cultura escrita para a experiência em questão sugere uma incapacidade de abarcar toda a dimensão intersubjetiva do conhecimento expresso pela sonoridade.

A potência do saber compartilhado pelas lavadeiras exige uma condição, ou um meio, em que elas mesmas possam ser protagonistas dessas narrativas. Algo como a auto-representação postulada por Canevacci (2013) em que essas histórias próprias podem ser contadas com naturalidade e espontaneidade no seu tempo-espço ou ainda na tentativa do registro audiovisual que seja capaz narrar sem alterar as rotinas do que se retrata.

Um olhar estético da presença das lavadeiras seria capaz de uma produção de presença (Gumbrecht, 2010) que não se transmite pelas palavras, e sim pela ligação entre quem produz instantânea de acontecimentos que não se repetem, algo como o modo epifânico de presença

12 Trecho da descrição da TiVi Griô na página da Associação Comunitária Grãos de Luz e Griô: <<http://graosdeluzegrio.org.br/tivi-grio-2/>>, acessado em 06 de julho de 2021.

que o sentido não seria capaz de transmitir no campo interpretativo. Ou seja, como essas presenças do evento em si que “não cabem nas palavras”.

Além disso, Martín-Barbero (2021) defende que uma escola que persiste em não considerar a cultura oral enquanto dimensão cultural estruturante, acaba empobrecendo o vocabulário das crianças de comunidades tradicionais. Isso por conta da “correção” na referência da escrita que pode cortar a riqueza do mundo oral.

Estamos diante de um sistema - e de uma experiência escolar - que não só não conquista os adolescentes para uma leitura e uma escrita enriquecedoras de suas experiência, mas que desconhece a cultura oral enquanto matriz constitutiva da cultura viva e da experiência cotidiana dos setores populares, confundindo-a e reduzindo-a, de fato, ao analfabetismo. (MARTÍN-BARBERO, 2021, p.95)

O curta-metragem “Um dia de Lavadeira” é resultado de vivências da Pedagogia Griô e desenvolve justamente as práticas e ofícios das mulheres “de um costume que sobreviveu mesmo após a água encanada nas residências”, como é destacado na obra audiovisual. São saberes de uma coletividade que adentram as dinâmicas das diversas configurações societárias da Chapada da Diamantina.

CONCLUSÃO

A partir da Pedagogia Griô, as práticas educomunicativas da TiVi Griô assumem um papel político de afirmação das identidades, vivências comunitárias e aproximação das oralidades presentes no território. Há uma produção educomunicativa com papel pedagógico e desenvolvimento das técnicas e estéticas audiovisuais convencionais. Porém, há especificidades nas produções.

Ao se comparar com uma produção audiovisual convencional, a TiVi Griô se diferencia pela potencialidade de trazer elementos como mitos, símbolos, movimentos e musicalidades das comunidades tradicionais para um ecossistema comunicativo.

A referência da Pedagogia Griô parece ser capaz de “rachar” uma perspectiva folclórica ou de enquadramento exclusivo de cultura popular para um fazer junto com as cosmologias dos territórios. Ou seja, não se trataria de documentar mestras e mestres, por exemplo, mas de referenciá-las para além dos processos de negação do conhecimento de povos e comunidades tradicionais que sofrem o racismo secular.

Considerando o fluxo das produções que começam reverenciando as pessoas das comunidades tradicionais e propondo reverberar suas narrativas comunitárias em uma perspectiva pedagógica e infinita, a produção da TiVi atua na intenção de religar saberes negados pelos processos de colonização no país.

Os vídeos - a partir dos postulados da Pedagogia Griô - buscam ultrapassar uma narrativa que detém suas referências maiores em livros ou “documentos oficiais”, mas representar através de uma horizontalidade de cantigas, memórias, danças, ofícios, emoções e encantos.

REFERÊNCIAS

BAIRON, Sergio. **A formação interdisciplinar e não-disciplinar na produção de conhecimento: ou o que ainda temos a aprender : a habilitação do senso comum nas esferas heterárquicas da produção de conhecimento.** Anais.. São Paulo: [s.n.], 2014. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002659606>

BATISTA, Juliana Andréa Oliveira, *et al.* **Juventudes, identidades e saberes agroecológicos: relatos sobre experiências e diálogos entre o Pedagogo e a Pedagogia Griô no Nordeste,** Brasília, DF: Embrapa, 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1125276/juventudes-identidades-e-saberes-agroecologicos-relatos-sobre-experiencia-e-dialogos-entre-o-pedagogo-e-a-pedagogia-grio-no-nordeste>

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura;** tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin - 8ª Ed. revista - São Paulo: Brasiliense, 2012 - (Obras Escolhidas v.1).

BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo, estruturas econômicas e estruturas temporais.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A Miséria do mundo. In: BOURDIEU, Pierre Bourdieu (org.). **A Miséria do Mundo.** 17. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FANTIN, Mônica. Jovens, cultura e educação: dispositivos da arte e da tecnologia na escola. In: COLAÇO, Veriana (org.) **Juventudes em Movimento: experiências, redes e afetos.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora: 2019.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **A Tradição viva**. In: História geral da África, I: metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010, p. 167-212.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2a ed. – São Paulo: Aleph, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução de Maria Immacolata Vassallo Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

PACHECO, Líllian. **Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida**. Lençóis, Grãos de Luz e Griô, 2006.